

AS AVENTURAS DE TELÊMACO: UMA OBRA BELETRISTA NO LYCÊO PARAHYBANO NO SÉCULO XIX

THE ADVENTURES OF TELÊMACO: A BELETRIST WORK IN THE LYCÊO PARAHYBANO IN THE XIX CENTURY

Helcia Macedo de Carvalho Diniz e Silva **1**
Fabiana Sena **2**
Girleene Marques Formiga **3**

Doutorado em Educação pela Universidade Federal da Paraíba. **1**
Professora do Centro Universitário de João Pessoa.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3466330106730581>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4719-0863>.
E-mail: helciamacedo@yahoo.com.br

Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-
doutorado em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. **1**
Professora Associada na Universidade Federal da Paraíba.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2144689228615196>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3340-7769>.
E-mail: fabianasena@yahoo.com.br

Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor
titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba. **2**
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9647640348369100>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4988-7699>.
E-mail: gformiga@uol.com.br

Resumo: As Aventuras de Telêmaco, de François de Salignac de Mothe Fénelon (1651-1715), circulou em diversas províncias do Brasil e, em particular, na da Paraíba, no ensino secundário do Liceu Paraibano. Tendo como objetivo geral dar visibilidade à obra, este estudo volta-se, em seus objetivos específicos, à investigação de como esse bem cultural se apresenta na história do livro, da leitura e da educação brasileira, e ao reconhecimento do lugar que os livros têm na sociedade paraibana Oitocentista. Para tanto, utilizamos uma metodologia de cunho qualitativo, mediante um estudo de natureza descritivo e documental, fundamentada em Chartier (1991), Abreu (2001; 2003), e fontes documentais que registram os caminhos de livros na província da Paraíba no século XIX. Os resultados apontam que a obra de Fénelon foi reconhecida oficialmente ao ser importada pela Mesa do Desembargo do Paço e que chegou na Província da Parahyba do Norte, para servir a fins instrucionais no Lycêo Parahybano. **Palavras-chave:** Leitura. Livro. As Aventuras de Telêmaco. Século XIX. Liceu Paraibano.

Abstract: The Adventures of Telemaco, written by François de Salignac de Mothe Fénelon (1651-1715), circulated in several provinces of Brazil and, particularly, in Paraíba, in Liceu Paraibano High School. Aiming, thus, at giving visibility to such work, this study focuses, regarding its specific objectives, on the investigation of the way this cultural asset is presented in the book history, in the reading and in the Brazilian education, and on the recognition of the place that books have in the 19th century Paraíba society. For doing so, this work is based on a qualitative methodology, through both a descriptive and documentary study, being theoretically supported by Chartier (1991), Abreu (2001; 2003), and documentary sources that register the paths of books in the province of Paraíba in the 19th century. The results show that Fénelon's work was officially recognized when it was imported by the Mesa do Desembargo do Paço, arriving into Província, in Parahyba do Norte, so as to serve instructional purposes in Lycêo Parahybano.

Keywords: Reading. Book. The Adventures of Telemachus. XIX Century. Liceu Paraibano.

Introdução

Este estudo tem como objetivo dar visibilidade ao livro *As Aventuras de Telêmaco*, de autoria do francês François de Salignac de Mothe Fénelon (1651-1715), o qual circulou em diversas províncias do Brasil e, em particular, na província da Paraíba, no ensino secundário no Liceu Paraibano. Para tanto, tomamos essa obra como objeto e fonte de pesquisa para compreendermos que esses artefatos têm uma ordem na história do livro, da leitura e da educação. Ao reconhecer o lugar que os livros têm na sociedade paraibana Oitocentista, faz-se necessário reconstituir seus títulos, de modo que as pesquisas sobre tais suportes, no Nordeste, no campo da História da Educação, são ainda incipientes, a exemplo de quatro publicações, resultados de pesquisas voltadas para essa temática: Autor e Barbosa (2012), Autor (2014), Ramos e Autor (2015), Autor (2017), Silva, Autor e Araújo (2020) e Autor e Melo (2020), as quais tratam dos livros na província da Paraíba.

Ao compreender o lugar que essa obra teve no Brasil e na província da Paraíba, verificamos que, de acordo com Abreu (2003, p. 212), a presença de *As aventuras de Telêmaco*, no Brasil Colônia, deu-se por meio da importação pela Mesa do Desembargo do Paço, instituição que controlava a divulgação das ideias e instância que autorizava a entrada e a circulação de impressos. Durante os anos de 1808 a 1826, esse livro se manteve no topo da lista: “[...] dentre os livros beletrísticos mais requisitados pelos leitores do Rio de Janeiro, o maior sucesso intitula-se *As aventuras de Telêmaco*”, compondo o rol dos “livros mais requisitados em francês (46%)”, um *Best-seller*, que foi publicado na França, em 1699, como base para instrução de príncipes.

No século XIX, segundo Abreu (2003), as pessoas tiveram acesso à referida obra, que circulou cerca de um século. Ainda conforme a pesquisadora, embora se tenha registro da circulação de livros, não se pode comprovar que os possuidores liam-no, e, embora nos Oitocentos houvesse no Brasil, [...] “nem todos podiam comprar livros – objetos a que podiam ter acesso segmentos sociais com situação financeira confortável” (ABREU, 2001, p. 13), de modo que sua posse constituía “signo de *status*”. Em se tratando dos *best-sellers* de Belas Letras, além de pertencer a gêneros pouco valorizados na época por não transmitirem ao seu proprietário a aura da erudição e do bom gosto, a maior parte deles era publicada em brochuras *in octavo*, revelando o baixo custo e o pouco valor decorativo. Diante desses fatos, não é surpreendente a ausência de marcas deixadas por leitores que viviam no Brasil entre meados do século XVIII e início do XIX, como discorre Abreu (2001).

Essas informações corroboram o posicionamento de que os leitores da época “deixaram poucas pistas não só de suas práticas de leitura, sempre dificilmente rastreáveis, mas de sua própria existência física” (ABREU, 2001, p. 1). Embora não haja como mensurar o uso, a leitura e as suas práticas, pode-se afirmar que *As aventuras de Telêmaco* circularam no Brasil Colônia e Império. De acordo com AUTOR (2009), mesmo que as obras de natureza religiosa continuassem exercendo influência nos primeiros séculos do Brasil, a partir do século XVIII, a posse de livros começa a apresentar modificação em relação aos séculos anteriores à medida que se abria espaço para as ciências e os saberes leigos. A autora ainda registra, respaldada nos estudos de Villalta (2005; 2002), sobre os usos dados aos livros pelos leitores na sociedade colonial, com base nos inventários do Rio de Janeiro e Minas Gerais, que *As Aventuras de Telêmaco* faziam parte de uma série de obras beletristas que circulavam no país.

Nos jornais brasileiros, identificamos a circulação de *As aventuras de Telêmaco*, por exemplo, em: *O Jornal do Commercio*, da província do Rio de Janeiro, “As aventuras de Telemaco [...] \$3₂₀” (1830, p. 1); *O Farol Maranhense*, da província do Maranhão, “A VENDA: *Aventuras de Telemaco*” (1830, p. 4); *A Fidedigna* Tomo II, “VENDA [...] 2 tomos de Telemaco em Fraceuz” (1835, p. 1); *Correio Mercantil*, “Se continua a vender [...] alguns livros como *Aventuras de Telemaco* [...] por preços commodos” (1840, p. 4); *O Progresso – Revista-PERNAMBUCO* (1846); *O Cearense*, “ANNUNCIO. Educação, instrução, e recreio da mocidade. [...] *Aventuras de Telemaco*” (1848, p. 2); *O Publicador*, jornal da Província da Paraíba “Á venda na pequena estante de Antonio Thomaz C. da Cunha [...] *Aventuras de Telemaco*, em fraucez ...2\$400 e em português 2\$400” (1864, p. 1).

Na província da Paraíba, o referido livro adentrou o ensino secundário, o Liceu Paraibano, especificamente por meio da Resolução de 26 de fevereiro de 1846, Art. 89 (PARAÍBA, 1846, p. 187):

na explicação das matérias, cujo ensino está a cargo de cada um, são os seguintes:

1º Cadeira – Gramática Latina do Pe. Antonio Pereira, Cornélio, Vida dos Imperadores, Fábulas de Federo, Salusti e Virgílio, e Arte Poética de Horácio.

2º Cadeira – Gramática Francesa – por Emílio Seven, As aventuras de Telémaco, e Teatro de Voltaire.

3º Cadeira – Retórica do Pe. Marinho, Poética de Pedro José da Fonseca, Geografia por *Úrculo*, Cronologia pelo Pe. Miguel e História, principalmente a do Brasil, por Belegarde.

4º Cadeira – Gêneses Filosofia.

5º Cadeira – Aritmética por Besout, Álgebra por Lacroix, Geometria e Trigonometria por Legendre.

No acervo da biblioteca dessa instituição, há o registro de três exemplares no ano de 1853, como se pode constatar na *Relação dos Livros existentes na Biblioteca do Lycêo da Parahyba do Norte* (1853), conforme informação que consta da figura abaixo:

Figura 1 - O livro na biblioteca do Lycêo (1853)

RELAÇÃO dos Livros existentes na Bibliotheca do Lyceo da Parahyba do Norte no anno de 1853.

VOLUMES.	TITULOS.	AUTORES.
1	Diccionario da lingua Portugueza	Constancio.
1	Historia de D. João de Castro	Freire de Andrade.
1	Lusiadas	Camões.
1	Cartas Selectas	Vieira.
1	Diccionario da Lingua Latina	Ramalho.
2	Ditos de varias linguas	Calépinus.
1	Dito de Fabulas	Chompré.
2	Gradus ad Parnasum.	Anonimo.
1	Novo Methodo da Grammatica Latina	Antonio Pereira.
1	Compendio da dita dita	O mesmo.
1	Explicação da Syntaxe	Dantas.
1	Vida dos Homens celebres da Grecia	Cornelio Nepos.
1	De Officiis	Cicero.
3	Orações	O mesmo.
1	Cartas escolhidas	O mesmo.
3	Fabulas	Phedro.
1	Conspiração de Catilina	Salustio.
1	Historia Romana	Tito Livio.
3	Encida	Virgilio.
2	Odes	Horacio.
1	Poesias	Ovidio.
2	Diccionarios da Lingua Franceza	Fonseca.
2	Ditos para composição na mesma	Roquete.
1	Glossario de palavras francezas	D. Fr. Francisco de S. Luiz.
4	Grammaticas da Lingua Franceza	Sevenc.
1	Dita da dita dita	Hamoniere.
3	Aventuras de Telemaque	Fenelon.
1	Fabulas	La Fontaine.
1	Diccionario da Lingua Ingleza	Vieira.
1	Dito para composição na mesma	O mesmo.
1	Historia da Inglaterra	Goldsmid.
1	Iliada de Homero	Pope.
1	Aritmetica	Bezoul.
3	Elementos de Algebra	Idem.
1	Geometria	Euclides.
1	Geographia	Gualtier.
1	Atlas Geographico	Simencourt.
1	Dito dos principaes portos do Brazil	Milliet S. Adolfe
2	Diccionario Geographico do Brazil	O mesmo.
1	Discurso sobre a Historia Universal	Bossuet.
1	Elementos de Psychologia	Jacquier.
1	Ethica	Job.
4	Obras philosophicas.	Descartes.
7	Ensaos philosophicos	Locke.
2	Philosophia	Laromiguiere.
4	Historia comparada da mesma	Degerand.
3	Philosophia.	Geruzez.
3	Philosophia.	Dugald Stewart.
1	Rhetorica	Freire de Carvalho.
1	Poetica	O mesmo.
2	De Oratore	Cicero.
2	Eloquencia Nacional.	Lopes Gama.
3	Rhetorica	Blair.
93	SOMMA.	

Secretaria da Instrução Publica da Parahyba em 19 de Fevereiro de 1853. — Thomaz de Aquino Mindello, Secretario.—
Está conforme. — João da Matta Corrêa Lima.

Fonte: Relatório de Província da Parahyba do Norte (1853).

De acordo com Ferronato (2014, p. 239), “percebemos que o perfil da Biblioteca se coadunava com a perspectiva propedêutica do Lyceu, uma vez que os livros eram, predominantemente, vinculados ao ensino de Filosofia, Retórica, Língua Nacional e Estrangeira (Francês e Inglês) [...]”.

A biblioteca era um dos poucos caminhos que dava acesso a livros de leitura, fato representativo no cenário da história sobre esses artefatos culturais, haja vista nos Novecentos o acesso aos impressos ser bastante limitado, por haver poucas quantidades de exemplares em circulação.

No estudo *Colégios e Liceus na Parahyba do Norte do Oitocentos: oficinas para mandos e officios da cidade*, Oliveira (2006, p. 12) afirma que havia “naquelas indicações, entre outras, a força da formação humanista, a recomendação de clássicos, o espaço de padres e da língua francesa na produção de livros, como também o tributo à vida imperial. Nos currículos destacavam valores morais e cívicos da sociedade burguesa em formação no Brasil”.

Sobre As Aventuras de Telêmaco: autoria e enredo

François Salignac de La Mothe Fénelon tornou-se popular depois da publicação de *As aventuras de Telêmaco*. O autor nasceu em Pégigord, na França, no dia 06 de agosto de 1651, e morreu decorrente de um acidente de carruagem, em 07 de janeiro de 1715, aos 63 anos. Até os doze anos de idade, foi educado por preceptores que o influenciaram e despertaram o gosto por línguas, como o Latim e o Grego, assim como pelos estudos eclesiásticos.

A trajetória acadêmica foi marcada por ter concluído, na Universidade de Cahors, em 1667, o curso de Filosofia e Retórica, continuando seus estudos no Collège Plessis, em Paris, quando demonstrou interesse pela carreira sacerdotal ao tio, o marquês Antoine de Fénelon, dedicando-se à teologia e seguindo essa carreira com determinação. Em seguida, ingressou no Seminário de Saint-Sulpice, onde foi ordenado sacerdote no ano 1675, sendo o seu instrutor o Monsieur Tronson.

Em sua passagem durante três anos desempenhando as suas atividades de sacerdote na igreja do Seminário, sua tarefa era a de evangelizar as pessoas da comunidade partir de seus sermões. Trindade (2006, p. 6) afirma que, por “indicação de Harlay Chamvallon, arcebispo de Paris, Fénelon foi diretor da instituição *Nouvelles Catholiques*”, espaço que acolhia as jovens e as senhoras recém-convertidas do protestantismo ao catolicismo. A maior incumbência como padre era a de catequizá-las e reeducá-las na fé e na doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana.

No exercício da função de padre, cabia-lhe explicar os textos evangélicos ao público assistido na referida instituição e às pessoas do entorno. Para completar essa missão de evangelizar, o sacerdote dedicado manifestou um desejo particular, ele pretendia partir para o Oriente em missão apostólica, com o propósito de pregar o cristianismo e de converter pagãos com a sua pregação. Não logrou êxito e cumpriu o seu destino, exercendo a função de padre e de escritor, dedicou-se, enfim, a escrever livros que associavam aquela missão ao ato de educar.

Ficou conhecido como o Cisne de Cambrai, por ter sido nomeado Arcebispo da Diocese de Cambrai, em 1699, e, nesse lugar, exercer a função de professor. Para cumprir a contento o seu trabalho, o Arcebispo escrevia seus livros, o total de três narrativas: *Da educação de meninas* (1687) - sobre boas maneiras para meninas, *Diálogos dos mortos* (1694) - morte segundo a igreja católica, e *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses* (1699) - o bem agir diante dos desafios na vida.

O livro tem um discurso com base nos valores morais e éticos que funcionam como lições de vida para os leitores mais atentos. Evidencia uma narrativa que advém da formação do autor, que ancorou seus argumentos filosóficos aliados aos religiosos. É possível compreender que o seu perfil religioso não o limitou como escritor, pois assumia uma visão crítica ao ensinar, segundo a seguinte concepção: “Felizes os que se entretêm instruindo-se e se deleitam cultivando seu espírito com as ciências” (FÉNELON, 2006, p. 24).

As aventuras de Telêmaco é um livro que engloba conhecimentos teóricos sobre Política, Ética e Moral, por exemplo. Versa sobre atitudes que devem ser tomadas buscando o que é correto, de modo individual e sobre Geografia europeia, com ênfase na localização dos povos e da agricultura. Para além da leitura do enredo literário, esse livro propõe ensinamentos sobre preceitos éticos e morais por meio da missão realizada pelo professor iluminado pela divindade mitológica. De acordo com Trindade (2006, p. 5-6):

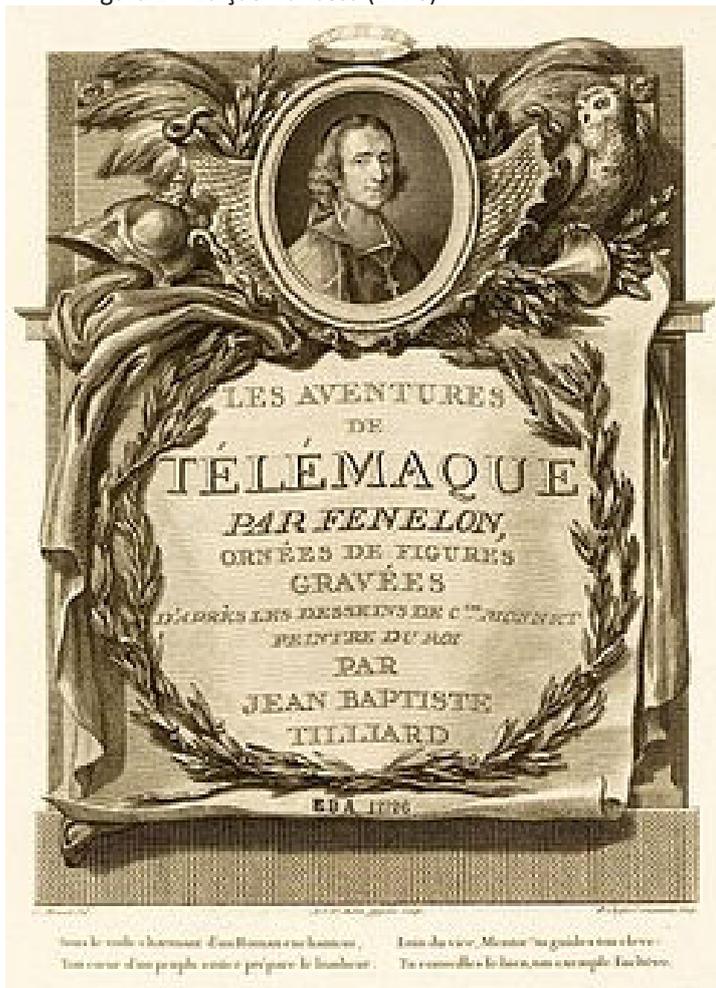
Em 1689 foi escolhido como preceptor do duque de Borgonha, neto de Luís XIV, destinado a ser rei se não houvesse falecido em 1712. Fénelon dedicou-se a corrigir o comportamento do príncipe por meio de fábulas, que ele mesmo escrevia. Escreveu ainda, para o seu jovem aluno, a portentosa obra que agora chega aos leitores, *As aventuras de Telêmaco*, que, sob a forma de uma novela passada na antiga Grécia, propõe, com leitura fácil e brilhante, várias ideias políticas e morais para a educação dos príncipes. Este livro é, na verdade, uma releitura da Odisséia de Homero.

A passagem mostra que *As Aventuras de Telêmaco* estão inseridas na literatura de príncipes, uma vez que foi escrita para um nobre, o duque de Borgonha. Esse texto faz referência ao príncipe arruinado pela bajulação, a exemplo de *O Príncipe*, de Maquiavel (2010). É possível que a leitura dessa narrativa promova o debate sobre o fato de que todo ser humano tende a gostar daqueles

que tecem elogios apenas para agradar, falseando o que sente efetivamente.

O texto feneloniano ensina ao leitor processos de mudanças na vida do jovem que amadurece, dando ênfase a vivências e a relações de “interdependência” dos indivíduos em sociedade. Elias (1994, p. 194) explica que “as pessoas exerciam pressão e força umas sobre as outras. A vida nesse círculo não era, de maneira alguma pacífica”. Dessa forma, mesmo querendo, a pessoa não consegue pautar a sua vida no isolamento, uma das razões é a força cultural que a circunscreve num espaço que, até certo ponto e de certa forma, restringe a um compromisso ético.

Figura 2 – Edição francesa (1776)



Fonte: Acervo da Hemeroteca Nacional, 1776.

As aventuras de *Telêmaco* superaram “os limites do didático-moralizante em que foi concebido, tornando-se leitura praticamente indispensável da nobreza” (ABREU, 2003, p. 129). Ainda hoje, seguramente, esse livro circula, haja vista a facilidade de encontrar exemplares à venda. Uma das razões que justifica a permanência desse livro ao longo dos anos até os tempos hodiernos é o estilo narrativo, bem como a forma como são relatadas as expedições do jovem aventureiro. As orientações de Mentor são, realmente, fundamentais no sentido de se explorar áreas desconhecidas ao passo em que eles estão buscando informações sobre Ulisses. As viagens proporcionam momentos difíceis e de aprendizado sobre ideais, valores morais e éticos por meio da Mitologia, Filosofia e Geografia.

Com o destaque dado ao mestre e ao aluno, Mentor e Telêmaco, ambos gregos, Fénelon (2006) põe em evidência duas representações sociais. No tocante ao perfil do aluno, é impetuoso, insiste em fazer algo, sem uma preocupação cuidadosa com as consequências, nesse caso, a insistência consiste em sair à procura do pai, que estava desaparecido depois do fim da guerra de Troia. Um trecho que marca a representação de aluno é o diálogo entre Telêmaco e a deusa Calypso,

no início do livro. A narrativa penetra na ousadia de um jovem que vive aventuras em companhia do professor, Mentor. Isso fica evidente quando o jovem grego reconhece a sua inexperiência ao afirmar que “o ardor da juventude imprudente me havia impedido de considerar com atenção o perigo a que eu estava me expondo. Mentor revelou-se, nesse perigo, não apenas firme e intrépido, mas mais alegre que comumente se mostra” (FÉNELON, 2006, p. 14). A postura do professor é revelada nesse trecho pelas palavras do aluno. O velho sábio ensinava o aluno a ser prudente e virtuoso com palavras e atos.

Essa é uma das razões que justifica o fato de esse livro ter sido adotado para o ensino, considerado uma literatura adequada para ser trabalhada na escola, “um dos aspectos que chama a atenção nesta obra é o personagem Mentor [...] conduzido à condição de professor, guia e orientador de Telêmaco. Esta obra teve muita repercussão nos meios educacionais” (TRINDADE, 2006, p. 6).

As orientações de Mentor são voltadas a instruções de como deve ser o bom governo, com uma narrativa pedagógica direcionada à formação de um ser humano justo e magnânimo. Nesse sentido, o autor explora conhecimentos específicos para a compreensão da dinâmica da vida, da economia dos povoados e dos hábitos e costumes do povo. No livro, em determinadas situações, o autor aborda a geografia da região, relata alguns detalhes, por ser necessário situar a aventura vivenciada pelo jovem:

Quando começávamos a perder de vista as montanhas da Sicília, disse Telêmaco retomando o seu relato, e o porto e a terra pareciam fluir atrás de nós e se perder nas nuvens, vimos navios egípcios, como se fosse uma cidade flutuante, aproximando-se. (FÉNELON, 2006, p. 19).

De modo geral, o autor apresentou descrições desses lugares, descreveu os recursos naturais existentes, relatou os costumes de cada região, as formas de governo e as práticas religiosas. Detalhes culturais, ensinamentos filosóficos e regras políticas são matérias que formam o tripé da teoria narrativa. Esse termo é derivado do latim *narratio* e consiste no “Ato de narrar acontecimentos reais ou fictícios, [...] é a instância produtiva da enunciação” (REIS; LOPES, 1988, p. 71). O fato é que o livro ganhou o mundo nas mãos de uma comunidade de leitores e de professores, do estilo feneloniano e da narrativa romanceada. Toma-se o conceito de narrativa como aquilo que foi narrado (algures), que cria a espacialidade, que pode se projetar. Ao narrar, parte-se sempre de algum lugar, tempo e espaço (elementos do discurso narrativo). As aventuras de Telêmaco é uma narrativa com discurso indireto livre, aquele que o narrador onisciente “conhece toda a história” (CANDIDO, 2004, p. 21) e faz com que o leitor acompanhe a lógica interna do texto.

O discurso feneloniano está apoiado em narrativas sobre as aventuras vivenciadas por Telêmaco e seu mestre, recorrendo ao artifício da escrita que desenvolve no tempo os fatos, ao passo em que os acontecimentos são apresentados na voz daquele que está vivendo a situação. É o próprio Telêmaco quem relata para a deusa Calypso suas desventuras e aventuras:

O relato de minhas desventuras seria muito longo, disse ele [Telêmaco]. Não, não, respondeu ela [Calypso], estou ansiosa por conhecê-las, conte-as logo. Ela insistiu nisso longamente. Finalmente, ele não pôde resistir mais e começou a contar: Parti de Ítaca para pedir aos reis, que tinham voltado do cerco a Tróia, notícias de meu pai [...] (FÉNELON, 2006, p. 13).

Calypso insiste, pedindo para Telêmaco relatar suas experiências. Com isso, ela pretende descobrir meios para tocar o coração do jovem mortal e fazê-lo refém dos seus encantos. Esse trecho retrata um jovem embevecido pela vaidade, por conta de suas conquistas. Do grego, a vaidade (*Metaiotes*) significa vazio, palavras impressionantes, mas vazias.

Mentor leciona ao seu aluno, mostrando a necessidade de manter o sigilo sobre os acontecimentos, o valor e a importância da disciplina para uma vida virtuosa. Isso é possível quando se alcança a maturidade. Esse é um dos pontos explorados no enredo, o jovem precisa aprender a

virtude da temperança, sabendo o momento correto de fazer o que tem que ser feito, agindo com moderação.

No Livro Vigésimo da narrativa feloniana, o narrador conta que o jovem grego se incomodou com a presença cruel e pérfida do ser humano, a exemplo de “daquele que sigilosamente tentara envenená-lo” (FÉNELON, 2006, p. 232), um desertor cuja personalidade era desaprovada pelo rei. Telêmaco, seguindo as orientações dadas por Mentor no início de sua viagem, guardava silêncio em algumas situações.

Telêmaco observava todas as coisas e percebia que entre os homens havia uma política bárbara. Como chefe do exército, embora jovem, soube distinguir o que estava acontecendo. O jovem grego com a sua prudência revelou crescer em sabedoria ao fazer notar que tinha autonomia sobre os seus próprios atos, demonstrando que aprendeu com seu professor que buscar a fama por vaidade é perigoso. Por fim, o sigilo tornou-se algo precioso para Telêmaco. Isso mostra que ele aprendeu a arte da prudência quando decide pela paz em Venússia, pátria de Horácio (atualmente, chama-se Venosa, província de Potenza/Itália, uma comuna italiana da região Basilicata, província de Potenza).

A narrativa feloniana das aventuras apresenta um caráter educativo, principalmente, pela presença do professor que acompanha os passos de seu aluno e orienta sobre a ética. Conforme Sánchez Vásquez (2007, p. 20), na obra *Ética*, “a ética é a teoria ou a ciência moral, deve explicar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes”.

Alguns acontecimentos giram em torno de Telêmaco e seus sentimentos: desgosto, desespero, alegria e felicidade. Calypso orienta o jovem grego para que ele se sinta bem na ilha: “É hora, disse ela, de você sentir a doçura do sono depois de tanta lida. Você nada tem a temer aqui: tudo está ao seu favor. Entregue-se então à alegria: aproveite a paz e os demais dons com que os deuses o cumulam” (FÉNELON, 2006, p. 43). A preocupação do autor, além da formação humana, perpassa o viés pedagógico por meio da ficção. Segundo Bakhtin (2010, p. 221),

quarto tipo de romance de formação é o romance didático-pedagógico. Ele se baseia em uma determinada ideia pedagógica, concebida com maior ou menor amplitude. Aqui se representa o processo pedagógico da educação no próprio sentido do tempo. O tipo puro engloba obras como *Ciropédia* de Xenofonte, *Telêmaco* de Fénelon, *Emílio* de Rousseau. No entanto, elementos desse tipo se encontram também em outras modalidades de romance de formação, inclusive em Goethe, em Rabelais.

As ideias pedagógicas de Fénelon (2006), em *As aventuras de Telêmaco*, concentram-se no agir correto para a arte de bem governar e viver em comunidade. Os elementos do romance didático-pedagógico podem ser encontrados nos aconselhamentos de Mentor para Telêmaco, bem como de outros reis para com o seu povo. Além disso, a narrativa se encaixa na característica de romance de educação devido ao ensino doutrinador.

Observar a seguinte passagem sobre a deusa Minerva consiste em perceber o modo como Fénelon desenhou essa deusa da Mitologia Grega: “Minerva possuía uma beleza singela, sem artificios, modesta: tudo nela era sério, forte, nobre, pleno de força e de majestade[...], e ensinava como vencer os prazeres e preferir à sabedoria, à virtude e à glória [...]” (FÉNELON, 2006, p. 46).

Mentor explica ao seu aluno: “A luxúria desprezível e infame, que é o pior dos males que saíram da caixa de Pandora, amolece todos os corações” (FÉNELON, 2006, p. 49-50) e orienta-o a fugir para não adquirir esse vício. Essas passagens servem para conduzir o leitor no sentido de não se entregar aos desejos desregradamente: “homens frouxos e dados aos prazeres carecem de coragem na hora do perigo” (FÉNELON, 2006, p. 47). O pensamento aristotélico é retomado no livro, principalmente as ideias do livro intitulado *Ética* a *Nicômaco*, em que Aristóteles (2009, p. 92) afirma, “Na realidade, aquele que é possuído pela razão e enfrenta o perigo em vista do bem, aquele que não tem medo nessas circunstâncias, pode ser chamado o homem de coragem”.

Coragem (do latim *cor*, significa coração) é, para Aristóteles (2009), a justa medida acerca dos sentimentos de medo e de confiança. Embora o senso comum associe coisas más à doença, à pobreza e à má reputação, a coragem diz respeito a certas circunstâncias extremas da vida,

relacionadas ao risco de morte, isto é, à ausência de medo da morte. As pessoas corajosas, tal como a postura de Mentor, são capazes de ficar imperturbáveis perante grandes perigos.

Perceber nesse livro a presença do tema coragem como conceito filosófico é constatar as raízes da essência filosófica. Mentor aguentou as desventuras com firmeza, enfrentando os perigos com coragem para auxiliar o seu aluno, Telêmaco. A cada aventura, o enredo aproxima realidade e ficção, segundo Bakhtin (2003), em sua *Filosofia da Linguagem*, o mundo da cultura abrange vida, arte (estético), ciência (cognitivo) e ética.

Para a vida pública, as virtudes são uma necessidade genuína de todo ser humano, que é naturalmente inclinado a viver em coletividade para ser feliz. Segundo Ross (1987), são três os livros essenciais dos escritos aristotélicos sobre o bem viver: “Ética a Eudemo (EE), Ética a Nicômaco (EN), Política” (ROSS, 1987, p. 8). Destaco, aqui, o segundo, Ética a Nicômaco (EN), no qual o estagirita expõe os conceitos de ética. Diante da amplitude desse livro, fez-se necessário recortar o fundamento do pensamento aristotélico sobre a prática do ser humano em busca de uma vida pautada na atitude ética, o que se espera que todo ser humano faça em sua vida cotidiana. Eis o fundamento da Filosofia Política Antiga, que entrelaça a razão livre (característica do pensamento racional) e o desenvolvimento que visa à felicidade da cidade-estado (*Pólis*: lugar onde o sujeito realiza suas potencialidades). Em outras palavras, um *pólis* cuida da cidade e busca agir em nome do bem comum. A ética é a ação pela qual o ser humano está tendencioso a viver de forma plena, realizar em sua natureza e completude em potencial visando ao bem comum.

Encontra o bem e é feliz o ser humano que vive com o fim de realizar-se racionalmente, sendo disso consciente. Ocorre que o fato de ser consciente, por si mesmo, não assegura a felicidade, conceito alcançado na prática mediante o bem agir. Esta é uma atividade que se realiza de acordo com atos racionais. Para o estagirita, a depender da razão, o ser humano tem como fim último aquilo que está perpassado pela virtude. Em outras palavras, na metafísica aristotélica, o entendimento da substância, ser enquanto ser, garante a existência da vida em sociedade. Na essência da ética aristotélica, o lugar da substância para o ser humano consciente é o bem soberano.

Ter consciência, conhecer e saber diferenciar o correto do incorreto, consiste em ser ético, no sentido radical do termo. A ética clássica serve como condução para a felicidade, cujo fim último é julgar como o bom e o mal se relacionam no tocante ao valor das virtudes. Ser virtuoso, ético, implica em ser capaz de observar as possibilidades e saber escolher o justo meio, fazendo o que é correto quando os desafios se apresentam e promovendo o bem a todos.

O ato ético contemplado no livro de Fénelon (2006) encontra a prática da prudência no pensamento aristotélico por recomendar a educação na mais tenra idade para evitar a corrupção no espaço público¹. Nas palavras de Mentor sobre o modo de viver:

Não basta afastar das funções públicas as pessoas corruptas: é melhor prevenir esse mal do que ser obrigado a puni-lo. O rei, ele acrescentava, que é o pai do povo, é pai da juventude que é a nata da nação. Os frutos devem ser cuidados quando ainda são flores, o então rei precisa zelar, e obrigar que o façam, pela educação destinada às crianças (FÉNELON, 2006, p. 172).

Nesse sentido, a educação é o ponto forte para ser ético, como preconiza Aristóteles (2009, p. 178): “Uma educação prudente ensina a virtude, preserva ou cura do medo, do egoísmo e do orgulho, dos sentimentos de culpabilidade e dos movimentos de complacência, nascidos da fraqueza e das faltas humanas”. Desde cedo, o ser humano deve obedecer por convicção, fazer aquilo que considera, racionalmente, o que deve ser feito corretamente e o que espera que o outro faça. A instrução proporciona liberdade, gera paz e torna o ser humano capaz de governar com ética. Para o pensamento aristotélico *Ethos* (morada do ser), o modo de ser é uma condição racional, é o ato por meio do qual rompe o caráter opressor e transforma a vida do sujeito, saindo do ponto em que estava preso, e produzindo, pela razão, atos conscientes e livres.

A aventura egípcia para Telêmaco foi uma experiência que o fez aprender, de forma

¹ Nessa passagem escrita por Fénelon (2006, p. 172), há dialogismo com o discurso judaico, como lembra a poesia hebraica: “ensina a criança o caminho em que deve andar, e quando crescer não se desviará dele” (PROVÉRBIOS, 29-15).

bastante doída e por vários fatores, sobre a moral e os valores que edificam a vida do homem. Contudo, o aprendizado incomensurável foi eficaz, ele aprendeu, por exemplo, o conceito de honra quando presenciou a morte de pessoas bondosas e corretas. Assim como no Egito, aprendeu que moral era, basicamente, prezar pela legitimidade de ordens e de normas aplicadas a todos, indiscriminadamente. Observando que, para o bem viver, o ser moral deve ter a capacidade de buscar caminhos virtuosos, controlando e orientando os desejos. Essencial, portanto, controlar os impulsos e as tendências, bem como saber decidir entre as alternativas que a vida vai dando a cada pessoa.

Telêmaco foi encarcerado por ser considerado um estrangeiro suspeito. Do cárcere assistiu ao novo rei, chamado Bocchoris, o corrupto. Observou que ele não refletia nem recorria aos valores morais e éticos que o seu pai havia deixado. Isso causou uma revolta popular. Ele não recebeu do povo o apoio para subir ao trono e tornar-se rei, fê-lo por ele mesmo e tomou conta do Egito do seu jeito.

No enredo, Fénelon (2006) mostra a diferença do ponderado Rei Sesostris, que ensinava com seus atos, sabia cultivar as boas maneiras, tomava as suas decisões para com o povo, de tal modo a agir com equivalência nos casos por ele julgados, e o rei Bocchoris, que não fez por onde receber a aprovação popular, assumiu o trono e tornou-se um rei temido que subjugava seus súditos e tornava-os submissos. Na visão histórica, essa postura é de gestores que são o flagelo da espécie humana, são temidos como almejam, mas são odiados pelos subordinados.

Mentor ensina para seu aluno a força de se obter um tipo de governo ou liderança que está pautada pelo laço do amor, no qual se pratica o bom senso, pelas leis e pela temperança. Ensina também que os reis interessados apenas em serem temidos acabam cultivando ódio, em alguns casos são até perseguidos pelo seu próprio povo. O texto narra Bocchoris como um “jovem rei, bem constituído, vigoroso, com um semblante altaneiro e arrogante, que exibia nos olhos a fúria e o desespero” (FÉNELON, 2006, p. 29).

O bom governante é aquele que tem experiência e coragem para enfrentar os problemas, mostrando que não precisa se desesperar diante dos desafios. O medo, aquilo que é a expectativa do perigo e pode assombrar qualquer pessoa, havia assolado Telêmaco por um instante. Não obstante isso, tal sentimento desapareceu com a coragem que presenciou ao assistir o mestre e sua atitude aguerrida para combater a fúria dos inimigos.

Não é uma tarefa simples apresentar o entrelaçamento das diversas áreas do conhecimento em *As aventuras de Telêmaco*, porque a narrativa aborda áreas específicas. Destarte, não é exequível trabalhar todos os pontos, como a orientação de Mentor sobre a forma como Telêmaco fez a narração de suas aventuras para a deusa Calypso, que o enaltecia exacerbadamente, de modo que os elogios de Calypso para Telêmaco eram igualmente vazios ao relato fabuloso do jovem, que exibia para a deusa suas aventuras e estava envaidecido delas. Isso provocava na deusa o desejo de prendê-lo na ilha. Coube a Mentor alertar ao jovem grego, que deveria contar os acontecimentos sem exageros. É preciso combater a ambição, como explicou Mentor:

O amor a uma glória fútil o levou a falar sem prudência. [...] Quando, ó Telêmaco, será você sábio bastante para jamais falar por vaidade, e quando conseguirá calar-se sobre coisas que são vantajosas para você, quando não for útil falar sobre elas? “As pessoas admiram sua sabedoria em uma idade em que é perdoável não possuí-la. Quanto a mim, não posso lhe perdoar nada, sou a única pessoa que o conhece e o ama bastante para admoestar por seus erros” (FÉNELON, 2006, p. 44).

Esse trecho contém um diálogo no qual o mestre ensina que se deve ter reservas ao relatar fatos da própria vida. A postura do aluno é de atenção, em seu silêncio. Esse é um dos diálogos de Mentor com Telêmaco sobre a forma correta de agir. O livro contém, eventualmente, diálogos envolvendo outras personagens, não apenas entre Mentor e Telêmaco.

Em outro momento, o autor descreve a cena em que Mentor e Telêmaco nadavam em

busca da embarcação fenícia, quando Mentor estava bastante perto gritou com uma voz forte: “Fenícios, vocês que são tão compassivos com homens de todas as nações, não recusem a vida de dois homens que contam com sua caridade”. E o comandante da embarcação respondeu “Nós os recebemos com alegria, não ignoramos o que deve ser feito para desconhecidos que parecem tão desgraçados” (FÉNELON, 2006, p. 89). O orientador de Telêmaco reforça o seu argumento ao dizer que ele é a única pessoa naquele momento que o conhece e o ama, por isso pode admoestá-lo ao máximo. Porque o seu dever é preparar o seu aluno para o reinado. Esse episódio ocorre logo depois que Mentor empurra Telêmaco com toda a sua força para o mar, para livrá-lo dos feitiços de Calypso.

Assim que Febo difundiu seus primeiros raios sobre a Terra, Mentor, ouvindo a voz da deusa que chamava suas ninfas no bosque, acordou Telêmaco. Está na hora, disse ele, de vencer o sono. Vamos ao encontro de seu coração, tema o veneno lisonjeiro de seus elogios. Ontem, ela o colocava acima de seu sábio pai, do invencível Aquiles, do famoso Teseu, de Hércules, que se tornou imortal. Você percebe o quanto esse elogio é excessivo? Acreditou no que ela disse? Saiba que ela mesma não acredita nisso: ela o elogia porque acredita que você é frágil e suficientemente fantasioso para se deixar enganar por elogios desproporcionais a suas ações (FÉNELON, 2006, p. 45).

Nesse trecho Mentor explica sobre a vaidade (Do latim: *vanitas*, significado: oco). Essa que é uma qualidade do que é vazio, firmado na aparência ilusória, pelo vazio ou pela falta de noção. O vaidoso tem prazer ao se comparar à grandeza dos deuses. Isso acaba impelindo-o à perda na noção do real. Vaidade, portanto, contém um sentimento que embriaga o ser humano. Nessa passagem Calypso utiliza do artifício do elogio vazio para conquistar o filho de Ulisses. Se se deixasse cair nas armadilhas de Calypso, Telêmaco ficaria preso na ilha dela para sempre.

Caso se deixe levar pelas artimanhas da vaidade, qualquer ser humano passa a viver fora da realidade, tornando-se incapaz de discernir o que é correto daquilo que não o é, passando a se ocupar do cuidado excessivo e desnecessário em relação às coisas que aparentam ser exageradamente boas e ricas, referindo-se ao belo (físico ou intelectual). Quem é vaidoso, por acréscimo, geralmente, é alguém orgulhoso, soberbo e arrogante. Seguindo a narrativa, Mentor contribui para o crescimento moral e intelectual do jovem aprendiz, explicando o bom governo e as regras de comportamento. Nas palavras de Mentor:

O fim único e essencial que um governante se deve propor é de jamais almejar o poder e a grandeza por si só, porque a busca imoderada de poder e grandeza irá satisfazer apenas o orgulho tirânico enquanto o bom governante deve sacrificar-se para fazer com que os homens se tornem bons e sejam felizes (FÉNELON, 2006, p. 277).

É possível constatar que esse livro fala sobre o bem comum e a busca da felicidade, visando à formação moral e cristã. Ao advertir seu aluno, Mentor o convida à reflexão e o oportuniza a pensar sobre as ações que envolvem a vida: “No tocante aos defeitos das pessoas de bem, urge conhecê-los sem deixar de se servir delas. Corrija-as, não se entregue cegamente aos seus cuidados inconsiderados, escute-as com amizade” (FÉNELON, 2006, p. 166). Assim, o correto a fazer traz para pessoa uma vida sóbria e tranquila, por conta da consciência dos bens verdadeiros, gozando da felicidade em virtude dos atos realizados.

O desejo do supérfluo não é saciado, porque, se os homens se dessem por satisfeitos quando têm atendidas suas reais necessidades, “por todos os lados ver-se-iam abundância, alegria, paz e união” (FÉNELON, 2006, p. 50). Mas, em geral, o que mais se vê na vida em sociedade são pessoas ambiciosas, mergulhadas em suas angústias, por estarem atrás do que é falso.

As orientações dadas por Mentor dialogam com o cotidiano de qualquer época. Com efeito,

ao ler o texto feneloniano entende-se que cada pessoa é protagonista de sua própria vida.

Considerações Finais

A partir da análise do texto feneloniano, bem como do material apresentado à pesquisa, conclui-se que o livro *As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses* possui algo mais do que ele aparenta, vai além do enredo que se dá a ler, das aventuras que prendem a atenção do leitor, do romance de educação que o constitui, de sua materialidade sobre a ética e a moral dos escritos pedagógicos para a educação de príncipes.

Se alguém pensa que livros mais vendidos é um fenômeno de nosso tempo, está equivocado, Fénelon (2006) conseguiu, sem sequer propor isso, que *As aventuras de Telêmaco*, publicado em 1699, fossem um êxito literário nos dois séculos seguintes ao ano de sua publicação. Em boa medida, esse êxito se deve à qualidade literária e de ficção desse livro. Essa é uma narrativa que parte de uma cena da *Odisséia*, de Homero (1998), especificamente quando Ulisses, ao se dirigir para a guerra de Troia, recomenda a tutoria de seu filho, Telêmaco, ao seu amigo, Mentor, considerado o velho sábio, tutor, preceptor, professor, orientador e conselheiro.

Essa obra, romance de educação e de ficção que está para além do que já foi classificado, esteve em evidência durante o Brasil Império (1822-1889), tanto para leitura como para estudo. O livro de Fénelon foi reconhecido oficialmente ao ser importado pela Mesa do Desembargo do Paço da Província da Parahyba do Norte, para servir a fins instrucionais no Lycêo Parahybano. A temática de pesquisa que se propôs averiguar neste estudo sobre a representação de professor está circunscrita ao campo da História da Educação no Brasil Império. A necessidade de buscar uma melhor compreensão sobre como se configura esse campo, com fundamento na produção científica dos pesquisadores, motivou a realização deste estudo.

Esse livro é tomado como objeto cultural por ganhar formas e sentidos diferentes, no campo das representações, quando interpretado por pesquisadores e comunidades de leitores, em lugares e tempos distintos, com “configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos” (CHARTIER, 1991, p. 23). Ademais, a obra adquiriu uma diversidade de sentidos pelos autores citados neste trabalho, cujos caminhos diferem desse material. No enredo de Fénelon (2006), encontra-se uma abordagem voltada ao ensino de valores, de acordo com a perspectiva aqui empreendida, por representar conhecimento e intelectualidade caros à educação oitocentista.

Na Parahyba do Norte, no Brasil Império, a Instrução Pública concentrava as matérias em áreas, por exemplo, linguagens: Latim, Francês e Inglês; humanas, Filosofia racional e moral, Geografia, Cronologia e História, Retórica e Poética; e exatas: Aritmética e Geometria. Essa organização prestigiava uma formação humanística no Oitocentos. O livro *As aventuras de Telêmaco* serviu de base para as aulas de Francês, no Lycêo Parahybano. Nela, a designação do professor de Francês foi feita junto com o material de aula. Conforme o Art. 89, da *Resolução de 26 de fevereiro de 1846*, o professor Emílio Seven foi designado junto com os livros que fazem parte da Cadeira de Francês, *As aventuras de Telêmaco* e *Teatro de Voltaire*.

Em *As aventuras de Telêmaco*, aluno e professor experimentam juntos as aventuras e as desventuras as quais servem de pretexto para que Mentor ensine a Telêmaco o ato de bem governar, a postura ética e a conduta moral. Essa posição do professor corrobora a hipótese confirmada de que no enredo do livro *As aventuras de Telêmaco* está a representação de professor na figura de Mentor, que protegia, orientava e aconselhava Telêmaco, iluminado pela deusa Minerva, que não queria ser reconhecida.

Referências

ABREU, M. **Os caminhos dos livros**. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

ABREU, M. Quem lia no Brasil Colonial? In: **Intercom** - XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS – set. 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/154302537404644249063477907025189701223.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2020.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Ática, 2009.

A FIDEDIGNA. **2 tomos de Telemaco em Francez**. Província de Pernambuco. 10 de junho de 1835.

BAKHTIN, M. M. Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. **Acervo da Hemeroteca Nacional**. Rio de Janeiro, 1776.

BRASIL. **Resolução de 26 de fevereiro de 1846**. Rio de Janeiro, 1946.

CANDIDO, A. **O discurso e a cidade**. São Paulo; Rio de Janeiro: Duas cidades; Ouro sobre Azul, 2004.

CORREIO MERCANTIL. **Aventuras de Telemaco por preços commodos**. Província da Bahia. 26 de setembro de 1840.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FÉNELON, F. S. D. L. M. **As aventuras de Telêmaco: filho de Ulisses**. São Paulo: Madras, 2006.

FERRONATO, C. J. **Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instrução secundária na província da Parahyba do Norte (1836-1884)**. Aracaju: EDISE; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2014.

FORMIGA, G. M. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

JORNAL DO COMMERCIO. **As aventuras de Telemaco**. Província o Rio de Janeiro. 4 de maio de 1830.

MAQUIAVEL, N. **O príncipe**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

OLIVEIRA, M. L. B. Colégios e Liceus na Paraíba do Oitocentos: oficinas para mandos e ofícios da cidade. In: SCOCUGLIA, A. C.; MACHADO, C. J. S. **Pesquisa e historiografia da educação brasileira**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

O CEARENSE. **Educação, instrução, e recreio da mocidade**. Província do Ceará. 17 de maio de 1848.

O FAROL MARANHENSE. **A venda de Aventuras de Telemaco**. Província do Maranhão. 02 de dezembro de 1830.

O PROGRESSO. **Revista-PERNAMBUCO**. Província de Pernambuco. 1 de outubro de 1846.

O PUBLICADOR. Á venda na pequena estante em **fraucez e em português**. Província da Parahyba. 14 de abril de 1864.

PARAHYBA. **Relatório apresentado Assembleia da Província da Parahyba do Norte**, v. 1, nov., 1853.

RAMOS, M. D. A.; AUTOR. Lições da Língua Materna (1906): livro didático de gramática na Paraíba para o ensino primário. **Revista HISTEDBR (On-line)**, v. 15, p. 21-33, 2015.

REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de teoria narrativa**. SP: Ática, 1988.

ROSS, W. D. **Aristóteles**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. Ética e política. México: UNAM, 2007.

SENA, F.; MELO, C. A. A Circulação de Livros para Crianças e Jovens na Província da Paraíba do Século XIX. **PoliTeknik**, v. 1, p. 7-7, 2020.

SENA, F. Tesouro de Meninas e Tesouro de Meninos: leitura de civilidade na América Portuguesa. **Educação Unisinos** (Online), v. 18, p. 312-319, 2014.

SENA, F.; BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. Os compêndios didáticos nos relatórios de província da Paraíba: fontes para a leitura escolar no Império. **Educação Unisinos**, v. 16, p. 36-47, 2012.

SILVA, Manuelle Araújo; SENA, F.; ARAUJO, M. S. Cuidado com a Leitura: Livros e Leitura na coluna jornalística Ensino e Educação no Ceará dos anos 1944 a 1950. **Práxis Educacional** (Online), v. 16, p. 259-276, 2020.

TRINDADE, D. F. Prefácio. In: FÉNELON, F. S. L. M. **As aventuras de Telêmaco**: filho de Ulisses. São Paulo: Madras, 2006.

VILLALTA, L. C. A censura, a circulação e a posse de romances na América Portuguesa (1722-1822). In ABREU, M; SCHAPOCHNIK, N. (Orgs.). **Cultura letrada no Brasil**: objetos e práticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.

VILLALTA, L. C. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In ABREU, M. (Org.) **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

Recebido em 11 de janeiro de 2021.

Aceito em 22 de fevereiro de 2021.